

LESÕES OCULOPALPEBRAIS – ESTUDO RETROSPECTIVO 2013-2016

TAIANE SAMPAIO DA SILVA¹; GUSTAVO FELIPE GÓIS PADILHA HUGEN²;
CLARISSA CAETANO DE CASTRO²; FABRÍCIO DE VARGAS ARIGONY
BRAGA²; VITÓRIA DAUDT HOFF²; CRISTINA GEVEHR FERNANDES³

¹Universidade Federal de Pelotas – taianee.sds@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gutohugen@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clarissac.decastro@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bragafa@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vitoriaaudthoff@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – crisgevf@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Em função do aumento da expectativa de vida dos animais de companhia, algumas patologias que anteriormente não eram diagnosticadas, passaram a ser observadas, dentre elas as afecções oculopalpebrais (BERCHT, 2009). O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo retrospectivo dos anos de 2013 a 2016, sobre lesões oculopalpebrais e relacionar tais dados com as informações disponíveis na literatura atual.

2. METODOLOGIA

Foi realizado um estudo retrospectivo da casuística do Serviço de Oncologia Veterinário/Laboratório Regional de Diagnóstico da Universidade Federal de Pelotas (SOVET-LRD/UFPel), no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2016. Foram avaliados todos os registros, obtendo-se 29 casos de lesões oculopalpebrais. As amostras eram provenientes de clínicas da cidade de Pelotas e do Hospital de Clínicas Veterinárias – HCV/UFPel. Os dados avaliados foram: espécie, sexo, idade dos animais, local e tipo de lesão. Os diagnósticos foram obtidos através de avaliação anatomo-patológica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram registrados 29 animais e 30 locais de lesão dentre os casos analisados, entre os anos de 2013 a 2016. Com relação às espécies, a mais frequente foi a canina, correspondendo a 55% (16/29) dos casos, seguido da felina com 11 casos (37,9%) e equina com 2 casos (6,8%). Tais lesões são mais comuns na clínica de animais domésticos, em grandes animais sua ocorrência é menos frequente (WERNER et al. 1998).

Com relação ao sexo dos animais acometidos, as fêmeas foram as mais frequentes nesse estudo, sendo responsáveis por 59% dos casos (17/29). Os animais idosos corresponderam a 51,7% (15/29), seguido de 27,5% (8/29) de animais adultos. A ocorrência de neoplasmas oculares em animais de meia idade a idosos, dentre a faixa etária de 6-10 anos é alta (HESSE, 2015).

Do total de 30 localizações das lesões, houve um predomínio de alterações exta-oculares 75,8% (22/29) em relação às lesões intra-oculares que corresponderam a 24,1% (8/29). Quanto ao local das lesões observou-se maior frequência na pálpebra com 37,9% (11/29), conforme a Tabela 1.

Tabela 1. Localização das lesões oculopalpebrais

Local		Prevalência	%
Extra-ocular	Pálpebra	11	37,9
	Córnea	04	13,7
	Terceira pálpebra	04	13,7
	Conjuntiva	02	6,8
	Supra palpebral	01	3,4
Intra-ocular		07	24,1
Total		29	100

Existe diversas consequências decorrentes de qualquer lesão ocular, podem ser incluídas: ceratites, uveítes, hifemas, glaucomas, buftalmias, úlceras de córnea, descolamentos de retina, neoplasmas entre outros (SLATTER, 2005; MCLELLAN, 2002).

A região ocular não é uma área comum para o surgimento de neoplasmas (MILLER e DUBIELZIG, 2005), porém o aparecimento de neoplasmas benignos palpebrais tem sido relatada em associação a processos irritativos da córnea, lagoftalmia, hemorragia e evolução maligna com comprometimento de outras estruturas (MAGGS, 2008;).

Com relação às lesões identificadas neste estudo, os neoplasmas mais frequentes foram o Carcinoma de Células Escamosas (CCE) Diferenciado, CCE Indiferenciado, Epitelioma Sebáceo, Adenoma Sebáceo, Hemangiossarcoma e Osteossarcoma osteoblástico produtivo, os mais frequentes. As demais lesões encontradas apresentam-se listadas de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2. Lesões identificadas e frequência

Lesões		Prevalência	%
Pálpebra			
Carcinoma de células escamosas	04	14,8	
Acantoma infundibular queratinizante	01	3,7	
Adenoma sebáceo	02	7,4	
Cisto apócrino palpebral	01	3,7	
Displasia epitelial grave	01	3,7	
Epitelioma sebáceo	02	7,4	
Fibrossarcoma	01	3,7	
Leiomiossarcoma palpebral	01	3,7	
Queratose actínica	01	3,7	
Córnea			
Ulceração corneana	01	3,7	
Dermoide ocular	01	3,7	
Papiloma corneal	01	3,7	
Inconclusivo	01	3,7	
Terceira pálpebra			
Adenoma ductal de Meibomian	01	3,7	
Carcinoma de Meibomiam	01	3,7	
Hemangiossarcoma	02	7,4	
Conjuntiva			
Carcinoma sebáceo	01	3,7	
Habronemose	01	3,7	
Supra palpebral			

Osteossarcoma osteoblástico produtivo	01	3,7
Intra-ocular		
Carcinoma do epitélio iridociliar	01	3,7
Ceratite não supurativa	01	3,7
Ceratite supurativa	01	3,7
Cisto iridociliar	01	3,7
Meningioma orbital	01	3,7
Osteossarcoma osteoblástico produtivo	01	3,7
Síndrome de Vogt-Koyanagi-Harada (síndrome úveo-cutânea)	01	3,7
Total	27	100

O CCE é um tumor maligno dos queratinócitos, com capacidade de infiltração e invasão local (TAVASOLI et al. 2012; DUBIELZIG et al., 2010), pode acometer as pálpebras, terceira pálpebra e o bulbo ocular de todas as espécies domésticas, mas é pouco frequente em caninos e com maior incidência em felinos, equinos e bovinos (MAGGS, 2008). Tais dados condizem com o presente estudo, dentre as lesões encontradas o CCE foi responsável por 14,8% (4/27), acometendo apenas a espécie felina. Estes neoplasmas estão diretamente relacionados à exposição ultravioleta e são mais frequentes em locais de grande insolação (SLATTER, 2005).

O epelioma e o adenoma glandular são neoplasmas benignos das glândulas sebáceas, e são classificadas de acordo com suas características histológicas (TAVASOLI et al., 2012). Ambos foram encontrados em 7,4% (2/27) dos casos, sendo o segundo tipo de lesão mais encontrada na margem palpebral de animais adultos e idosos e acomete principalmente caninos (TRAVASOLI et al., 2012; DUBIELZIG et al., 2010; MAGGS, 2008).

Os tumores de terceira pálpebra, analisados neste estudo acometeram somente a espécie canina, entretanto para AGUIAR et al. (2016), os neoplasmas da terceira pálpebra, ou membrana nictitante, em pequenos animais são raros, tendo com maior incidência em grandes animais (MARTIN, 2005).

O hemangiossarcoma é um neoplasma maligno, altamente agressivo, originado no endotélio vascular, que raramente acomete a conjuntiva e terceira pálpebra, além disso são poucos os relatos, sendo mais frequentes em cães e cavalos com idade avançada, (DUBIELZIG, 2002; MAGGS, 2008) o que condiz o presente estudo, já que obtivemos 7,4% (2/27) das lesões localizadas na terceira pálpebra.

Os neoplasmas intra-oculares são raros, de acordo com MORRIS e DOBSON (2007), entretanto existe uma abundância de tumores abrangendo a córnea, esclera, íris e corpo ciliar (SLATTER, 2005). Como visto nos dados deste estudo, observam-se uma alta incidência 24,1% (7/29) de neoplasmas nestes locais.

Neste estudo, o osteossarcoma osteoblástico, foi a única lesão que ocorreu tanto intra-ocular quanto extra ocular. Esta lesão é um neoplasma ósseo maligno, tendo predomínio em caninos e felinos. Acomete animais adultos e idosos, podendo ocasionar metástase nos linfonodos e no pulmão (WILKINS et al., 2006).

4. CONCLUSÕES

Com o presente estudo podemos observar que as lesões palpebrais foram predominantes. Quanto ao tipo de lesão, foi o CCE diferenciado e indiferenciado,

epitelioma e adenoma sebáceo, hemangiossarcoma e osteossarcoma osteoblástico produtivo foram os mais frequentes. A espécie canina foi a mais acometida, em sua maioria fêmea e em animais idosos. Com isso, constata-se há necessidade de estudos nesta área, a qual são identificados vários tumores e pelos inúmeros sinais clínicos que tais lesões podem gerar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. A. T; JUNIOR, D. F; CASTRO, B. G. Hemangioma em terceira pálpebra de cão – Relatode caso. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, v.38, n.1, p.30-32, 2016.
- BERCHT, B. S. **Úlcera de córnea profunda em cães**. 35 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Veterinária, Comissão de Estágio, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2009/2.
- DUBIELZIG, R. R. **Patologia ocular veterinária: uma visão comparativa**.1 ed. Londres: Saunders Elsevier, 2010.
- HESSE, K. L; FREDO, G; GUIMARÃES, L. L. B; REIS, M. O; et al. Neoplasmas oculares e de anexos em cães e gatos no Rio Grande do Sul: 265 casos (2009-2014). **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.35, n.1, p.49-54, 2015.
- MAGGS, D. J. E. **Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology**. 4 ed. Saunders, 2008. Cap. 6, p.107-134.
- MARTIN C. L. **Ophthalmic Disease in Veterinary Medicine**. Mason Publishing Ltd., London, 2005. p.241–297.
- MCLELLAN, G. The canine funds.In: PETERSEN-JONES, S.M. BSVA. **Manual de pequena oftalmologia**. 2 ed. British Small Animal Veterinary Association: Quedgeley, Gloucester. 2002.
- MILLER P. E; DUBIELZIG R. Ocular tumors. Withrow S.A. & Vail D.M. (Eds), **Small animal clinical oncology**.4th ed. Saunders, St. Louis, 2005. p.686-697.
- MORRIS J. M; DOBSON J. 2007. **Oncologia em Pequenos Animais**. São Paulo: Roca, 2007.
- OLBERTZ, L. **Levantamento clínico-epidemiológico com análise morfológica das principais neoplasias oculares em cães**. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, 2012.
- SLATTER D. **Fundamentos de oftalmologia veterinária**. 3a ed. São Paulo: Roca, 2005.
- TAVASOLI, A; et al. Cytological and Histopathology Features of Meibomian Adenocarcinoma in a Dog Terrier Breed. **Clinical & Experimental Pathology**. p. 2-5, 2012.
- THOMPSON, K. G; POOL, R. R. Tumors of Bones. In: Meuten, D.J. **Tumors in Domestic Animals**. 4. Ed. Iowa: Iowa State Press, 2002.
- VILLEGAS, A. A. **Oftalmología veterinaria em especies menores conéfasis en trastornos oculares externos encaninos**. Graduación – Universidad Nacional, Facultad de Ciencias de La SaludEscuela de Medicina Veterinaria. Campus Presbítero Benjamín Núñez, Heredia, 2013.
- WERNER, P. R; CHIQUITO, M; PACHALY, J. R; FERREIRA, F. M. Neoplasias oculares diagnosticadas em animais do sul do Paraná, Brasil. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia** – UNIPAR, v.1, n.1, p.13-21, 1998.
- WILKINS, P. A; BAKER, J. C; AMES T. R. **Doenças do Sistema Respiratório**. In: Smith B.P. (Ed). Medicina Interna de Grandes Animais. 3.ed. Barueri: Editora Manole, 2006.